

Um Santuário no Deserto

Êxodo 35–40

Introdução

Chegamos, hoje, ao nosso último estudo no livro de Êxodo. Exploraremos uma seção do livro que geralmente é negligenciada, mas que é de extrema importância. Tenho certeza de que, quando você pensa no tabernáculo, imagens incríveis vêm à sua mente. Tem sido uma alegria poder estudar o assunto mais de perto nesses últimos dias.

Não teremos tempo, todavia, para tratar do tabernáculo detalhadamente. O que desejo fazer é analisar os 6 objetos usados no tabernáculo que possuem aplicação para o crente do Novo Testamento. Portanto, vamos começar nosso panorama no tabernáculo em Êxodo 35.

Motivos para A Construção do Tabernáculo

Deus mandou os israelitas construírem o tabernáculo por três motivos específicos.

1. Primeiro: para fornecer a Israel um centro de adoração.

Até este momento, os israelitas ainda não possuem um local designado para o qual podem ir e adorar o Senhor. Então, Deus manda o povo construir esta tenda na qual poderiam adorá-lo no deserto.

O piso do tabernáculo era a própria areia; então, os sacerdotes cumpriam suas responsabilidades e serviços caminhando sobre a areia do deserto. O complexo não era pequeno: tinha 45 metros de comprimento e 23 metros de largura. A planta do tabernáculo foi projetada de maneira singular.

2. O segundo motivo por que o tabernáculo foi construído—e este é muito importante—foi para servir de prévia da obra de Jesus Cristo.

Se deixamos de enxergar Jesus Cristo no tabernáculo, então, acabamos não entendendo um livro inteiro do Novo Testamento: Hebreus. Para Deus, o tabernáculo é algo tão essencial a nós hoje que ele designou uma epístola inteira para explicar o significado de tudo o que acontecia no sistema de adoração do tabernáculo no Antigo Testamento. De forma maravilhosa, o tabernáculo serve de prévia da obra de Jesus Cristo, o qual foi o sacrifício final.

João 1.14 diz que *o Verbo* [Jesus Cristo] *se fez carne e habitou entre nós*. O verbo *habitou* significa “tabernaculou.” Jesus Cristo veio e tabernaculou na era do Novo Testamento, assim como Yahweh tabernaculou com os israelitas no Antigo Testamento. Isso nos dá a dica de que Jesus Cristo é previsto no sistema do tabernáculo.

3. Terceiro: o tabernáculo foi construído para servir de retrato do plano de Deus para a salvação.

Durante esse tempo, o indivíduo não podia se aproximar de Deus como bem quisesse. Um israelita não podia dizer: “Uh, acho que vou adorar a Deus desta maneira.” Ele seria consumido e morto.

Semelhantemente, não podemos adorar a Deus na época do Novo Testamento como bem desejamos; precisamos adorá-lo conforme o método prescrito por Deus.

No Antigo Testamento, a forma de adoração prescrita por Deus era o tabernáculo. Os israelitas entrariam pelo portão e veriam, primeiramente, um altar de bronze do holocausto no qual os sacrifícios eram realizados. Depois desse altar, o próximo objeto diante dos olhos do povo era a bacia e, em seguida, o Lugar Santo onde o sacerdote tinha comunhão com Yahweh. Além disso, o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos uma vez por ano e ali se encontrava com a glória, majestade e santidade de Deus. Era assim que o povo teria que adorar; não havia outra forma.

É interessante que Jesus Cristo diria em João 14.6: ***Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai, a não ser por mim.*** Em outras palavras: “Eu sou o método prescrito por Deus nessa era do Novo Testamento.”

O tabernáculo, portanto, forneceu aos israelitas um centro para adoração, serviu de prévia da obra de Jesus Cristo e serviu de retrato para o plano de salvação.

O Apoio Financeiro para A Construção do Tabernáculo

Agora, a construção do tabernáculo foi financiada de forma interessante. Os detalhes nos são fornecidos em Êxodo 35.

1. Primeiramente, os israelitas financiaram o tabernáculo por meio de recursos ofertados voluntariamente.

Lemos em Êxodo 35.21–22:

e veio todo homem cujo coração o moveu e cujo espírito o impeliu e trouxe a oferta ao SENHOR para a obra da tenda da congregação, e para todo o seu serviço, e para as vestes sagradas. Vieram homens e mulheres, todos dispostos de coração; trouxeram fivelas, pendentes, anéis, braceletes, todos os objetos de ouro; todo homem fazia oferta de ouro ao SENHOR;

É muito interessante que o povo edificou seu centro de adoração através de ofertas dadas voluntariamente. Na verdade, o texto fala que Moisés teve que dizer ao povo que parassem com as doações, pois já tinham demais, muito mais do que o suficiente e necessário.

2. Segundo: eles não somente ofertaram voluntariamente recursos para construir o tabernáculo, mas lemos que o povo também exerceu seus próprios talentos.

Veja Êxodo 35.25–26:

Todas as mulheres hábeis traziam o que, por suas próprias mãos, tinham fiado: estofos azul, púrpura, carmesim e linho fino. E todas as mulheres cujo coração as moveu em habilidade fiavam os pêlos de cabra.

Apesar de Deus atuar de maneiras diferentes com o povo de Israel no Antigo Testamento, essa passagem nos apresenta um retrato semelhante da maneira como a igreja do Novo Testamento deve operar e trabalhar como comunidade. Devemos não somente contribuir com o que temos, mas temos que exercer nossos talentos ou dons dados por Deus e investi-los na obra do seu reino e causa. Foi assim

que o tabernáculo foi financiado e construído e foi assim que as coisas deram certo.

A Planta Singular do Tabernáculo

O tabernáculo tinha uma planta singular. Ele era dividido em três partes: havia o pátio externo, o Lugar Santo e o Santo dos Santos. Vamos analisar cada setor mais de perto.

1. Primeiro: o pátio externo.

Quando o israelita entrava pela porta do pátio externo, a primeira coisa que via era *o altar de bronze do holocausto*, o qual prefigurava o sacrifício de Jesus Cristo. Assim como os israelitas sacrificavam seus animais sobre um altar, lemos em Hebreus 10.10 que o corpo de Cristo Jesus foi ofertado uma vez por todas; ele foi sacrificado de uma vez por todas pelos pecados do mundo.

É em Êxodo 27 que lemos mais a respeito do altar de bronze. Ele é um pouco diferente do que eu costumava pensar. Ele tinha mais de 2 m² e 1,35m de altura, o que significa que ele era alto demais para que o sacerdote subisse sobre ele para sacrificar animais. Portanto, o acesso era, mais provavelmente, por meio de rampas laterais. Podemos imaginar, então, os sacerdotes subindo pelas rampas de acesso lateral e colocando o animal para o sacrifício sobre a grelha dentro do altar.

O primeiro sacrifício que os sacerdotes realizaram foi consumido por fogo enviado por Deus, o que é algo interessante. A única coisa que o sacerdote fazia era colocar o sacrifício sobre o altar; era Deus quem enviava fogo do céu para consumir a oferta, conforme lemos em Levítico 9. Quando o primeiro sacrifício foi consumido, o fogo acendeu uma chama perpétua que consumiria os sacrifícios posteriores—todos os animais que seriam colocados sobre o altar.

Semelhantemente, os romanos e judeus incrédulos que rejeitaram Cristo puderam apenas coloca-lo sobre o altar—o Calvário—mas foram o julgamento e a ira do próprio Deus que foram derramados sobre Jesus Cristo.

Tente imaginar e entender o que acontece nesse altar. No meio desse pátio aberto existe um altar enorme; sacerdotes carregam animais até ele e os colocam sobre o altar; a movimentação é constante. A propósito, não havia cadeira ou assento algum no pátio externo. Por que? Porque nenhum sacerdote podia se sentar, já que seu trabalho nunca era completado, finalizado. Essa é uma verdade maravilhosa quando consideramos Jesus Cristo como nosso Sumo Sacerdote. Lemos em Hebreus 10.12:

Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus,

Em outras palavras, *esse* sacerdote, sacrificando de uma vez por todas, sentou-se. Os sacerdotes levitas jamais se sentavam; eles estavam em constante movimento.

É interessante que esse altar passou a representar não somente julgamento, mas misericórdia também. Nos quatro cantos do altar, conforme lemos em Êxodo 27, havia chifre, algo que nunca entendi direito. Esses chifres tinham formato de cone e eram esculpidos e colocados em cada canto. Era nesses chifres que os sacerdotes amarravam o animal, de vez em quando, durante o sacrifício, antes de cortar sua garganta. Dessa forma, ele conseguia manter o animal à distância apropriada. Os chifres passaram a representar o local de misericórdia.

Lemos, por exemplo, que Adonias, temendo que Salomão tiraria sua vida, agarrou-se nos chifres do altar, rogando por misericórdia (1 Reis 1.50).

Lemos também que o general Joabe, depois que traiu o rei Davi, correu para o pátio e agarrou os chifres, implorando por misericórdia (1 Reis 2.28).

Esse também é um belo retrato. Jesus Cristo, o sacrifício morto de uma vez por todas na cruz, que é o símbolo da ira e julgamento de Deus contra os pecados do mundo, também é o local onde encontramos misericórdia. Eu e você precisamos nos agarrar à cruz, implorando pela misericórdia de Deus por causa dos pecados que cometemos.

Por que Jesus Cristo pôde se sentar? Por que ele conseguiu realizar, de uma vez por todas e num ato apenas, aquilo que os sacerdotes levitas não conseguiram no decorrer de séculos? Simplesmente, porque o próprio Jesus Cristo é o sacrifício perfeito.

Além do altar de holocausto, o segundo objeto com o qual o israelita se deparava no pátio externo era a *bacia de bronze*, a qual retratava o ato de purificação. Quando os sacerdotes iam ministrar e realizar os sacrifícios a Deus, eles tinham que ser purificados. Suas mãos ficavam ensanguentadas e seus pés empoeirados com a areia do deserto. Então, Deus estabeleceu essa maneira pela qual seriam lavados.

Agora, de fato, essa purificação era mais simbólica do que literal. A bacia era composta de duas partes havia: um compartimento superior, onde os sacerdotes lavavam as mãos, e um compartimento inferior em torno da base do lavatório no qual lavavam os pés. A bacia como um todo representava que o sacerdote, quando servia a Deus, era um indivíduo purificado.

Em 1 Pedro 2.9, Pedro fala que nós, crentes, somos uma *raça eleita, sacerdócio real*. Meu amigo, você sabe o que acontece conosco enquanto servimos a Deus com nossas mãos e pés? Ficamos sujos com as manchas de nossa cultura e da própria

carne. Assim, estamos em constante necessidade de purificação. E o que efetua a purificação na era do Novo Testamento?

Existem várias coisas que nos purificam. Podemos falar, obviamente, do sangue de Cristo que nos purifica eternamente de todo pecado. Entretanto, essa bacia não representa esse tipo de purificação de uma vez por todas de nossos pecados do passado, presente e futuro. Essa bacia retrata a purificação diária. Assim, podemos pensar na Palavra de Deus. Jesus Cristo afirmou, certa vez, que santificaria ou purificaria a igreja pela lavagem de água da palavra. A Escritura, portanto, é esse instrumento de purificação em nossas vidas, assim como a bacia era para os sacerdotes no tabernáculo.

Enquanto estudava o texto, descobri algo interessante. A bacia era feita de um material dado especificamente pelas mulheres israelitas: o espelho. Agora, espelhos, na época, não eram feitos de vidro como hoje, mas de bronze polido. Era no bronze polido que as pessoas viam seu reflexo. Em Êxodo 38.8, lemos que Moisés *Fez também a bacia de bronze, com o seu suporte de bronze, dos espelhos das mulheres que se reuniam para ministrar à porta da tenda da congregação*. Isso sugere que a bacia é uma prévia da Palavra de Deus, já que em Tiago 1.22–25, a Bíblia é retratada como um espelho. Nela vemos o nosso reflexo e como precisamos mudar.

Imagine o sacerdote indo até esse lavatório, essa bacia; enquanto coloca os pés no compartimento inferior e as mãos no superior, ele vê seu próprio reflexo. Enquanto servimos a Deus e nos sujamos com nossa carne, somos purificados pela Palavra, lavados pela Palavra e não ousamos permanecer inalterados. Vamos às Escrituras em busca de purificação.

2. Vamos, agora, passar ao segundo setor do tabernáculo. Depois que o sacerdote

terminava as responsabilidades no altar e na bacia, ele prosseguia para o Lugar Santo.

Uma cortina separava o Lugar Santo do pátio externo. Dentro do Lugar Santo, havia três utensílios: a mesa dos pães da proposição, o candelabro e o altar de incenso.

Primeiramente, vamos observar *a mesa dos pães da proposição*. A mesa era banhada a ouro. Sobre a mesa, havia duas pilhas com seis pães em cada pilha. Essas pilhas de pão representavam, cada uma, as 12 tribos de Israel. Os pães podiam ser empilhados porque eram redondos, feitos no formato de uma panqueca.

A coisa interessante sobre esses pães é que os sacerdotes os comiam enquanto serviam no Lugar Santo. Eles simbolizavam o sustento que ganhavam ao servir diante do Senhor nesse local especial de comunhão privada. Os pães, então, representavam sustento e comunhão. Somente os sacerdotes podiam comer esse pão; somente os sacerdotes podiam sacrificar. Os israelitas não podiam espiar do lado de fora para ver o que acontecia lá dentro; o serviço sacerdotal de cuidar do candelabro, comer o pão e oferecer incenso era algo misterioso. E é interessante que o pão sustentava os sacerdotes.

Eu e você, como sacerdotes diante de Deus, encontramos sustento em várias coisas, uma delas sendo a Palavra. O próprio Jesus Cristo afirmou em João 6.51: ***Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente.*** Além disso, em Jesus Cristo temos comunhão com Deus.

É interessante observar que os pães nunca ficavam murchos, pois eram constantemente mudados por outros novos. Semelhantemente, eu e você somos sustentados por um pão que nunca murcha: Jesus Cristo.

Outro utensílio dentro do Lugar Santo era o *candelabro*, feito de uma peça maciça de ouro que pesava entre 34 e 40 kg. Ele era esculpido de forma singular com sete braços ou hastes. Cada braço era feito com um copo na extremidade e, dentro do copo, havia uma lâmpada de azeite com um pavio. As responsabilidades diárias dos sacerdotes incluíam cuidar dos pavios e adicionar azeite para que as lâmpadas jamais apagassem.

Essas lâmpadas eram perpétuas; na verdade, a única fonte de luz dentro do Lugar Santo era o candelabro. Enquanto serviam e tinham comunhão com Deus nesse setor do tabernáculo, o caminho dos sacerdotes era iluminado pelo candelabro de ouro.

Evidentemente, essa lâmpada pode se referir a Jesus Cristo, já que ele afirmou ser a luz do mundo em João 8.12. Entretanto, a luz do candelabro não era visível a todos, mas somente aos sacerdotes. Dessa forma, a luz que ilumina o caminho daqueles que fazem parte do sacerdócio real de Deus é a Palavra, as Escrituras.

A Palavra de Deus ilumina o nosso caminho, propaga luz na nossa comunhão com Deus, a fim de servirmos o Senhor como seus sacerdotes. Creio, então, que o candelabro no local de comunhão com Deus é um retrato maravilhoso da Palavra. Para os israelitas, talvez, a luz representava a glória da presença de Deus; para nós, ela é a sua Palavra que ilumina nosso caminho.

Davi escreveu no Salmo 119.105: ***Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e luz para os meus caminhos.*** Aqui, Davi se refere à lâmpada usada pelos pastores de ovelhas. Eles amarravam uma lâmpada no tornozelo para iluminar cada passo que davam enquanto pastoreavam o rebanho.

Geralmente, as Escrituras fornecem luz e direção para cada passo, não para a trilha inteira; e

isso pode ser frustrante. Contudo, assim como o sacerdote tinham a luz necessária para iluminar o Lugar Santo em seu serviço, confiamos que a Bíblia fornece a luz necessária para nos direcionar os passos.

O terceiro e último utensílio dentro do Lugar Santo era o *altar de incenso*. Ele tinha 45 cm² e quase 1 metro de altura, e ficava próximo ao véu que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos. Até hoje, o incenso representa intercessão entre o sacerdote e Deus; quem sabe, talvez represente a intercessão de Jesus Cristo por nós. Mas lembre que esse é o lugar de comunhão entre o sacerdote e Deus. Portanto, creio que seja melhor pensar no incenso como a comunhão entre o sacerdote e o Senhor.

Essa oferta constante de aroma suave subia pelo teto até as nuvens; o povo conseguia sentir o cheiro pelo arraial, dependendo da direção do vento. O incenso era um retrato belíssimo de comunhão perpétua e constante com Deus.

Obviamente, o incenso é uma figura da oração do crente diante de Deus. Em 1 Tessalonicenses 5.17, Paulo nos manda orar sem cessar. Isso não significa que faremos uma oração longa sem parar. Paulo nos manda, como sacerdotes de Deus, a viver de tal maneira que sempre levamos a Deus nossas orações; vivemos num constante espírito de oração.

Então, temos aqui um retrato da comunhão com Deus. Posso imaginar os sacerdotes revezando no serviço, cuidando das lâmpadas do candelabro, comendo alguns pães da proposição, caminhando pelo tabernáculo em silêncio temente enquanto comungam com o santíssimo Deus de Israel, Yahweh. Nesse altar, eles adicionavam a quantidade certa de incenso e, periodicamente, checavam para se certificar de que o aroma constantemente subia aos céus.

Havia fervor na comunhão com Deus. Será que nós, sacerdotes de Deus no Novo Testamento, temos o mesmo fervor para comungar, servir e adorar o único Deus verdadeiro? Desenvolva fervor em sua devoção a Deus.

3. O terceiro setor do tabernáculo era o Santo dos Santos, separado do Lugar Santo por uma cortina ou véu.

O momento mais esplendoroso nesse sistema de adoração surgia no dia em que o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos. Isso acontecia somente uma vez por ano e o povo observava em temor.

A cortina era bordada em fios de ouro com imagens de querubins, aqueles anjos que adoram a Deus constantemente. Sem dúvidas, os sumo sacerdotes que tiveram o privilégio de entrar no Santo dos Santos o fizeram com um profundo senso de temor e reverência. Uso o termo “privilégio,” mas não acho que eles pensavam dessa forma. Afinal, eles entravam no lugar que representava a santidade de Deus.

Sem dúvidas, um dos utensílios mais importantes para a nação de Israel e que era guardado dentro do Santo dos Santos era a *Arca da Aliança*. A presença de Deus era representada por uma nuvem que pairava sobre a arca. Essa era a manifestação da presença, da santidade, da glória de Deus—e o sumo sacerdote entrava ali!

O temor era tão profundo que os israelitas colocavam pequenos sinos na orla do manto do sumo sacerdote. Enquanto ele caminhava e se mexia lá dentro, oferecendo e aspergindo sangue sobre o propiciatório, os sinos balançavam e faziam barulho. O povo ouvia atentamente o som dos sinos para se certificar de que o sumo sacerdote estava vivo, temendo que Deus não aceitasse o sacrifício e o consumisse ali mesmo em sua ira.

Outra coisa que os israelitas começaram a fazer foi amarrar uma corda no tornozelo do sumo sacerdote. Já que ninguém mais podia entrar no Santo dos Santos, ao invés de entrar correndo lá dentro pelo véu para retirar o corpo do sumo sacerdote morto, eles puxavam o corpo para fora, a fim de poder sepultá-lo. Então, os israelitas começaram a amarrar uma corda no tornozelo do sumo sacerdote para puxar seu corpo, caso Deus não aceitasse a oferta. *Isso* era temor; *isso* era reverência no coração em relação à santidade de Deus.

Agora, porém, sabemos que podemos entrar na presença do trono de Deus com confiança e ousadia. Entretanto, uma coisa não pode mudar e jamais mudará: Deus ainda é santo; ele ainda é um Deus de justiça. Nós nos aproximamos dele com um coração de amor, sabendo que ele é nosso pai misericordioso. Temo, contudo, que frequentemente nos esquecemos que ele é um Deus santo e não devemos ignorar quem ele é. Não o transformamos em outra coisa ou pessoa que faz nosso querer. Nós o adoramos na beleza da sua santidade.

Outro utensílio dentro do Santo dos Santos era o *propiciatório*, que era a tampa da Arca da Aliança. Era para o propiciatório que convergia toda a adoração; essa era a finalidade daquele período de celebração anual. No propiciatório, a misericórdia de Deus era evidenciada.

Da mesma sorte, o crente do Novo Testamento não pode parar na justiça e santidade de Deus; existe a misericórdia e, sem ela, estamos perdidos.

Deus mandou os israelitas fabricarem uma peça de ouro maciço para servir de tampa para a Arca da Aliança. A arca era feita de cedro e banhada a ouro; dentro dela, havia três coisas: o bordão de Arão, um pote com maná e as tábuas de pedra nas quais Deus escreveu sua Lei.

Em ambos os lados da tampa, do propiciatório, havia um querubim com asas estendidas, olhando para o centro do propiciatório. Essa é uma imagem maravilhosa de 1 Pedro 1.12, onde lemos que os anjos anelam entender a salvação e a misericórdia de Deus. Até mesmo aqui no tabernáculo, os querubins olhavam maravilhados diante da misericórdia do Senhor. Isso porque, uma vez por ano, o sumo sacerdote entrava com uma bacia com sangue e aspergia sangue sobre o propiciatório. Era dessa maneira que Deus dizia, basicamente: “Agora, eu enxergo a Lei que vocês violaram através do sangue e ajo com misericórdia.”

Jesus Cristo derramou seu sangue de uma vez por todas para que Deus nos veja cobertos pelo seu sangue. Nós violamos a Lei. Mesmo assim, por causa de Cristo Jesus em nossas vidas, Deus nos vê através do sangue como perdoados, livres por sua misericórdia.

É, portanto, com um profundo sentimento de gratidão que concluímos nossa série de estudos em Êxodo. Terminamos aqui com o sangue de Jesus Cristo, nosso Salvador. E ansiamos pelo dia quando poderemos lhe dizer pessoalmente como somos gratos por aquilo que ele fez por nós, na suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 29/04/1990

© Copyright 1990 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

